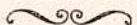


Do cumprimento austero
 De todos os deveres cristãos,
 E um dia
 Descansareis reunidos,
 Ligados pelos liames inquebrantáveis
 Da fraternidade além da morte,
 À sombra da árvore luminosa
 Das boas ações que praticastes,
 Longe das lágrimas
 Do orbe obscuro,
 Dos prantos e das provações remissoras!...

MARTA



25

Ante o Divino Mestre

Senhor Jesus!

Grandes reformadores da vida religiosa passaram no mundo antes de Ti.

Sacerdotes chineses e hindus, persas e egípcios, gregos e judeus referiram-se à Lei, traçando diferentes caminhos às cogitações humanas.

Um dos maiores de todos, Moisés, viveu entre príncipes da ciência, fêz-se condutor de multidões, plasmou sagrados princípios de justiça e, após sofrer as vicissitudes de sua época, expirou no monte Nebo, contemplando a gleba farta que prometera ao seu povo.

Outro Senhor, o grande Siddharta, converteu-se em arrimo dos penitentes da Terra, ensinando a compaixão, depois de renunciar, ele próprio, o Bem-aventurado, às alegrias do seu palácio, para morrer, em seguida a sublimes testemunhos de simplicidade e de amor, entre flores de Kucinagara...

Todos eles passaram, induzindo os homens à solidariedade e ao dever, exalçando o coração e purificando a inteligência.

Profetas hebreus numerosos antecederam-Te os passos, esboçando o roteiro da luz...

Alguns deles encontraram o escárnio e a flagelação em lutas enormes, confinadas, porém, ao âmbito particular do povo a que serviam.

Nenhum, no entanto, acendeu tantos conflitos com o mandato de que se faziam intérpretes, quando confrontados contigo, a quem se negou um lar para nascer.

Por onde passaste extremavam-se as paixões.

Contrapondo-se ao carinho que Te consagravam as almas simples de Cafarnaum, recebeste o ódio gratuito dos espíritos calculistas de Jerusalém.

Em Tua estrada, aglutinaram-se a fraqueza e a ingratidão, a crueldade e a secura, tecendo a rede de trevas na qual Te conduziram à cruz entre malfeiteiros.

Em oposição à tranquilidade silenciosa que se estendeu sobre a morte dos grandes enviados do Céu que Te precederam, de Teu túmulo aberto ergueu-se a mensagem da eternidade, gritante e magnífica, pela qual os Teus seguidores experimentaram a perseguição e o sacrifício, em trezentos anos de sangue e lágrimas nos cárceres de martírio ou na humilhação dos espetáculos públicos...

É que não apenas ensinaste a bondade, praticando-a impecavelmente, mas revelaste os segredos da morte.

Conversaste com as almas desencarnadas padecentes, através dos enfermos que Te procuravam,

transfiguraste as próprias energias no cimo do Tabor, dando ensejo a que se materializassem, diante dos discípulos extáticos, Espíritos gloriosos de Tua equipe celeste.

Reabriste os olhos cadaverizados do filho da viúva de Naim e trouxeste de novo à existência o Espírito de Lázaro que se achava distanciado do corpo inerte, encarecendo e exaltando a responsabilidade da criatura, que receberá sempre de acordo com as próprias obras.

Agarrados à posse efêmera da estação terrestre, os homens não Te perdoaram a Revelação inesquecível e Te condenaram à morte, buscando sufocar-Te a palavra, olvidando que a Tua doutrina, marcada de amor e perdão, já se havia incorporado para sempre aos ouvidos da Humanidade. E, retomando-lhes o convívio, ressuscitado em Tua forma sublime, mais lhes aumentaste o espanto da consciência entenebrecida.

Desde então, Senhor, acirrou-se a antinomia entre a luz e a treva...

Os Teus apóstolos exibiam fenômenos mediúnicos maravilhosos, arrebatando a admiração e o respeito da turba que os cercava, mas bastou que no dia do Pentecostes transmitissem os ensinamentos dos desencarnados, em diversas línguas, para que fôssem categorizados por ébrios que o vinho fazia desvairar. Enquanto Paulo de Tarso, inspirado, se detinha na Acrópole sobre os grandes temas do destino, conquistava a atenção dos atenienses

ilustres, mas bastou que aludisse à ressurreição dos mortos, para que fôsse abandonado por todos eles à zombaria e à solidão.

E ainda hoje, Mestre, anotamos por toda a parte o terror da responsabilidade de viver.

Quase todos os homens aceitam o apoio da religião, sempre que se lhes lisonjeie a inferioridade e se lhes endossem os caprichos no culto externo, prestigiando as autoridades de superfície que lhes desaconselhem pensar.

Acreditam comprar o Céu a preço de oferendas materiais ou de atitudes estudadas na convenção e imaginam que esse ou aquele inimigo está reservado aos tormentos do inferno. Entretanto, se alguém lhes recorda a realidade, mostrando a morte como prosseguimento da vida, com a exação da Lei que confere a cada criatura o salário correspondente aos próprios atos, azeda-se-lhes o fervor, passando a abominar quantos lhes sacodem a mente entorpecida. E agora, como antigamente, associam rebeldia e vaidade para asfixiar o verbo revelador onde surja. Improvisam tentações e pavores ao redor daqueles que se dedicam à verdade, e, se esses lhes não caem nas armadilhas e se lhes não temem as ameaças, empreendem campanhas lamentáveis, em que a difamação e o ridículo funcionam por golilhas atrozes nas gargantas que desferem a palavra divina do Teu Evangelho Libertador.

Aos espíritas, Senhor, que Te exumam as lições do acervo de cinzas do tempo, cabe agora o privilé-

gio de semelhantes assaltos. Porque se reportam à responsabilidade da criatura, no campo da vida eterna, e porque demonstram que a sepultura é portal da imortalidade, são conduzidos ao pelourinho da execração, caluniados e escarnecidos.

Como se lhes não possa interromper a existência, a fio de espada, emudecendo-se-lhes a mensagem de luz, pisa-se-lhes o coração na praça pública com as varas da mentira e do sarcasmo, para que o desânimo e o sofrimento lhes apressem o fim.

Mas sabemos que Tu, Senhor, és hoje, como ontem, o Herói do Túmulo Vazio...

Aqueles que Te colocaram suspenso na cruz, por Te negarem residência na Terra, não sabiam que Te alçavam mais alto a visão para que lhes observasses os movimentos na sombra.

Mestre Redivivo, que ainda agora enches de terrível assombro quantos estimariam que não tivesses vivido entre os homens, fixa Teu complacente olhar sobre nós e aparta-nos da treva de todos os que se acomodam com a saliva da injúria! E revigora-nos a consolação e a esperança, porque sabemos, Senhor, que, como outrora, ante os discípulos assustados, estarás com os Teus aprendizes fiéis, em todo instante de angústia, exclamando, imperturbável:

— “Tende bom ânimo! Eu estou aqui.”